

Grau zero da civilização não é ainda barbárie: é pior

Marcelo Micke Doti¹

Resumo

O artigo se destina a pensar a questão cultural (que não se confunde com ideologia como incautos pensariam): urgente dentro e contra o materialismo histórico. Problemática essencial para pensar o programa máximo do marxismo: a revolução. Ser marxista nem sempre é ser revolucionário: a academia é prova disso. Desavisadas e superficiais leituras podem achar no artigo crítica do materialismo histórico: puro recorte dos que não burilam conceitos. A problemática desenvolvida ressalta como a questão cultural não é periférica ao se pensar transformações sociais substanciais. Condições de produção configuram formas de existência das pessoas, mas sua dominação e sujeição são expressos nas onipresentes formas de vida, inserções inscritas na cultura. Assim, a cultura passa a constituir elementos de poder simbólico: sem rompê-los não há classe revolucionária ou perspectiva de transformações. Portanto, nas atuais formas de vida implementadas pela cultura e suas narrativas, não há classe alguma.

Palavras-chaves: cultura, revolução, formas de vida.

227

¹ Professor e pesquisador em regime integral (RJI) do CPS (CEETEPS) do Estado de São Paulo na Faculdade de Tecnologia (Fatec/Campus Mococa) e psicanalista. O campo de inserção intelectual do pesquisador configura-se especialmente nas interfaces entre filosofia da tecnologia, sociedade e formas atuais de sujeição. Isso envolve e articula de maneira muito especial a filosofia, a crítica social e a psicanálise com suas potencialidades de intervenção nesta crítica não sendo apenas, mas também, um campo clínico. marcelo.micke@uol.com.br



Resumen

El artículo pretende reflexionar sobre la cuestión cultural (que no debe confundirse con la ideología como pensarían los incautos): urgente dentro y contra el materialismo histórico. Problema esencial para pensar el programa máximo del marxismo: la revolución. Ser marxista no siempre es ser revolucionario: la academia es prueba de ello. Lecturas desprevenidas y superficiales se pueden encontrar en el texto crítico del materialismo histórico: puro corte de los que no engañan conceptos. El problema desarrollado destaca cómo el tema cultural no es periférico cuando se piensa en cambios sociales sustanciales. Las condiciones de producción configuran formas de existencia de las personas, pero su dominio y sometimiento se expresan en las formas de vida omnipresentes, inserciones inscritas en la cultura. Así, la cultura pasa a constituir elementos de poder simbólico: sin romperlos, no hay clase revolucionaria ni perspectiva de transformaciones. Por tanto, en las formas de vida actuales implementadas por la cultura y sus narrativas, no hay clase alguna.

Palabras clave: cultura, revolución, formas de vida.

Abstract

The article is intended to think about the cultural issue (which is not to be confused with ideology as unwary would think): urgent within and against historical materialism. Essential problem to think the maximum program of Marxism: the revolution. Being a Marxist is not always being a revolutionary: the academy is proof of that. Unsuspecting and superficial readings can find in the text critical of historical materialism: pure cut of those who do not cheat concepts. The problem developed highlights how the cultural issue is not peripheral when thinking about substantial social changes. Production conditions configure forms of people's existence, but their domination and subjection are expressed in the omnipresent forms of life, insertions inscribed in culture. Thus, culture starts to constitute elements of symbolic power: without breaking them, there is no revolutionary class or perspective of transformations. Therefore, in the current forms of life implemented by culture and its narratives, there is no class at all.

Keywords: culture, revolution, forms of life.



Pior: para entender o sintoma²

É pior, pois ainda não chegamos à vida esfaçada em seu limite total. É ainda um momento no qual não se viu ou viveu tudo ao fundo, ainda há algo querendo viver e muito ainda irá acontecer: acredita-se ainda nas planuras, nos imensos paraísos celestes. Nada disso. Não se vislumbrou o fundo ainda no grau zero. A civilização é uma forma de barbárie por guardar com ela relações muito íntimas: um ato de civilizar é sempre um ato de violência, de cometer barbáries e barbaridades. O grau zero é aquele do psicótico. É semelhante aos desenhos animados no qual o personagem continua a correr sobre o penhasco: nada existe abaixo dele, mas ele continua pensando que está no chão. Alguns psicóticos descrevem sua vida cotidiana como se estivessem mortos, mas seu corpo ainda não percebeu (LEADER, 2013, p. 56). Esses psicóticos caminham e funcionam socialmente, mas estão distantes de todas as outras pessoas. Este é o grau zero da civilização, é o grau iludido, deslocado e descolado da realidade, com ilusões e delírios, tudo está bem ou vai ficar como nas estruturas esquizofrênicas.

Um exemplo pode ser ilustrativo dentro do campo da sociedade e seus atravessamentos político e econômicos. Ao olharmos para o segundo pós-guerra vemos erigir-se gradualmente complexas e articuladas estruturas

² A palavra *sintoma* foi empregada em seu sentido corriqueiro, ou seja, de alguma coisa que explicita algo, uma determinada forma ou um determinado aparecer que, uma vez desvelado, indica algo escondido nas estruturas do mesmo, na maneira própria de operacionalização da dinâmica dessa forma. Aqui a forma é o capital. Há apenas uma relação passageira com aquilo que Lacan diz: “quem descobriu o sintoma foi Marx e não Hipócrates” (ŽIŽEK, 1996). Não há espaço para grandes referências, mas Lacan teria visto isso na passagem estudada de por Marx do feudalismo para o capitalismo: naquele as relações de dominação eram explícitas, enquanto, sendo uma sociedade pré-capitalistas as mercadorias se traduziam em sua verdade e transparência de valor. Sob o capitalismo as relações entre os homens seriam livres e transparentes e as mercadorias é que estariam disfarçadas sob o equivalente geral. Só que não. Essa liberdade universal dos homens é a liberdade configurada pela liberdade burguesa e seu conceito. O fetichismo da mercadoria esconderia ou dissimularia o *recalcado* do feudalismo: a dominação continua a existir em outras formas. Problemáticas como esta nos revelam o quanto as formas das configurações das *relações culturais* são essenciais e hoje estão sobrepostas como determinantes para a luta da potência humana pelas linhas de fuga da sociedade da “cultura do capital”.



que sustentarão diversos processos e desenvolvimentos marcantes e marcadores do século XX. Tão marcantes, brilhantes como um farol, a ponto de nos mais diversos cursos de formação acadêmica, nas mais variadas áreas, olharmos como se ainda vivêssemos nesse mundo. Um parêntese: o mundo acadêmico é o pior dos psicóticos, um esquizofrênico arquetípico.³ Estruturas como a Guerra Fria, o complexo industrial-militar – muito mais atuante agora do que então e com novidades exuberantes nas formas de guerra como as “guerras híbridas” (KORYBKO, 2018) –, as estruturas financeiras de Bretton Woods, o estado de bem-estar social. Bem diversas são essas estruturas socioeconômicas, como o *welfare state*, mas acabou inexoravelmente. Este acabou sem dúvida e não irá voltar. Mas – sempre um *mas* atrapalha tudo – não é mais possível. Todas as reformas e tentativas de que “domestiquemos” a sociedade economicamente manietada pelo capital, atualmente, é impossível. Nosso país é forma mais que ilustrativa disso e como as elites (DOTI, 2008, pp. 67-103) forjadas na dependência cultural, social, econômica etc. colonial nunca serão civilizadas.

É neste conjunto ilustrado pelo exemplo anterior e suas configurações históricas que se reafirma: o grau zero da civilização é pior do que a barbárie. Trata-se, como tentou se demonstrar neste início, de fenômeno social marcado por configurações e inscrições complexas e atravessadas por elementos psíquicos, sociais e suas relações, econômicos, políticos, midiáticos e por aí caminha esse talvez estranho campo de análise, a cultura e sua teoria.

Há algum tempo trabalho com um conceito de cultura que possa abranger sociedades de interações tão complexas quanto qualquer outra, porém nossas interações passaram a ser parte dos circuitos também do trabalho, do capital e das configurações tecnológicas. Assim o campo da cultura autônomo em relação ao capital no século XIX não o é mais. Neste

³ Freud não tinha grande apreciação pela filosofia e por diversas razões. Uma delas é a filosofia construir visões de mundo, concepções completas de mundo (*Weltanschauung*) sem apoio na realidade. Uma delas é a realidade clínica – por sinal a clínica tem mais política que o imaginado, mas isto é para outro ensaio. Uma outra crítica de Freud é a semelhança, ainda que metafórica, da filosofia com a esquizofrenia que constrói mundos só para ela (DAVID-MENARD, 2014, pp. 36-37; BIRMAN, 2003). Evidente que criticar a filosofia por esse viés seria conceder a Freud o discurso do mestre, da palavra a ser acatada. É a concepção de Freud sobre a filosofia. No entanto, no grau zero da civilização, o mundo acadêmico transtornou-se ou transbordou-se para uma plena esquizofrenia.



ponto novas problemáticas aparecem e não são periféricas na crítica ao capital, na necessidade da emancipação, nos conceitos de alienação e materialismo histórico bem como as formas históricas por onde caminha a revolução: este sim, o campo e a narrativa sempre maior para todo marxista, programa máximo do marxismo, porém também campo de todo aquele que combate essa formação sociocultural em todos os seus rincões, linhas de aprisionamento e seus momentos, ou seja, a revolução é o campo de luta da contestação daqueles que também não são marxistas.⁴ Determinadas coerências programáticas, claro, seriam inevitáveis. Neste ensaio não é o momento de tal abordagem, da coerência conceitual ou não. Na sequência deste teremos momento de crítica ao materialismo histórico e sua possibilidade de ser repensado em torno de novas maneiras de conceber o estado revolucionário.

A cultura não é externa à linha de avanço ao capital. Sociedade alguma é externa em suas práticas discursivas e suas narrativas: nenhuma estrutura em suas construções narrativas, práticas de seu fazer e de seu falar, de sua posição simbólica, das suas construções tecnológicas como tipo específico de linguagem⁵, de seus falares e cantares, gesticulação, produção, enfim, todas práticas narrativas, práticas a construir um mundo de potências materiais e simbólicas ao mesmo tempo – impossível, enquanto humanos, ser diferente – são isoladas. Em outros termos, as heterologias do mundo no sentido de Bataille (ROUDINESCO, 1994, p. 148) nunca são isoladas como potências e narrativas da vida. A cultura como determinado campo dessas narrativas também não. Sob o avanço do capital, seu avanço produtivo e

⁴ Fui marxista durante muitos anos, décadas. No entanto, é preciso saber que ser marxista é ser revolucionário e nem todo revolucionário precisa ser marxista. Não é possível a primeira convergência ser negada: ser marxista e não ser pela revolução e não buscar embasá-la a cada segundo na teoria, na discussão, nas formas de escapar ao que nos sufoca e não nos deixa respirar, só pode revelar que algo se passa e não é nada bom com esse marxista ou esse marxismo. Pode-se, no entanto, fazer muito mais pela revolução com outras críticas – como, por exemplo, a da cultura – que encontra espaço pequeno no meio de alguns rincões do marxismo que a acreditam campo menor, quando ele é o decisivo na verdade.

⁵ Na verdade, *linguagens*, uma vez que nunca se pode dizer tecnologia no singular. Por isso se *tecnologia é linguagem* como vimos defendendo há algum tempo (DOTI, 2018a, 2018b, 2018e) elas serão sempre plurais. A questão de articulação de tecnologias e dos seus gadgets é outra questão, pois transformamos linguagens e, portanto, as interações humanas sobre elas.



tecnológico, suas estruturas de acumulação, produção e concentração, no entanto, as linhas da cultura foram sendo misturadas e boa parte delas fluídas para as determinações das linhas do capital. Quando digo isso implico neste ponto, signífico com isso, linhas de poder de um sobre outro. As linhas de poder da dinâmica do capital vão absorvendo a interioridade da cultura, algo ainda muito sutil e pouco distendido no século XIX, linhas cuja tessitura era pouco bem tramada. Quadro bem diferente da atualidade e do grau zero de civilização no qual nos encontramos.

Sua interioridade, no entanto, não é também simplesmente o de ser indústria cultural ou cultura mercantilizada, cultura marcada pela compra e, assim, todo o universo de usos estariam vedados para quem se imagina revolucionário. Ao menos alguma culpa psíquica o atormentaria ou um plano de revolução o deixaria livre para trabalhar o recalque de viver no mundo do ar respirado a todo segundo pela dinâmica do capital. As configurações da cultura são marcadas por avanços das linhas de apropriação do capital e no item seguinte veremos como ela e a ideologia se configuram como algo *por dentro* do materialismo histórico e não superestrutura da boa e velha vulgata. Para isso torna-se necessário uma definição mínima e arriscada, provisória até de cultura, alguns esboços de uma teoria da cultura. Quiçá sejam esboços que permitam pensar a revolução ou revoluções: o singular talvez não nos caiba mais e seja necessário um processo continuado de revolução.⁶

Sabemos que as estruturas básicas e os segredos do capital em suas narrativas de acumulação, produção, reprodução, concentração e centralização, bem como suas ações e lutas sociais e políticas já estão bem desvendadas. Não é segredo – ou o é quando as configurações da cultura absorvem esse segredo por meio de disciplinamentos – a existência constante das lutas e das relações sociais fortemente desiguais entre capital

⁶ Atente-se neste ponto que o autor do presente ensaio não é um “compromissado”. Explicando: acreditar na possibilidade de uma revolução social, ou revoluções simultâneas, que não sejam radicais, que não sejam radicais, cirúrgicas e precisas, não é revolução. Demandas sociais atendidas por movimentos sociais não desconstruindo as estruturas do capital, não é revolução. Revolução que desconstrua o capital, mas mantenha a dominação, a sujeição, os gerenciamentos da percepção, os gerenciamentos dos afetos, também não é revolução. Por isso usamos a expressão “compromissada”: o único compromisso é com a radicalidade e não com aquilo que se preserva. Há uma homologia com a psicanálise: a verdadeira e a verdade da psicanálise é sua radicalidade do desejos e do inconsciente e se isso não for descoberto no que há de mais aterrador, então, não é uma análise.



e trabalho. Só o é para os psicóticos anteriormente mencionados. E se é assim, se camadas enormes da sociedade continuam como psicóticos e não entenderam que a “luta de classes existe sim e nós estamos ganhando” na frase atribuída ao polêmico Warren Buffet, e acreditam que o abismo não está a seus pés e a morte já é evidente, não é por falta de estudos das estruturas e do funcionamento do capital já desvendados por Marx. Esse psicótico de amplo espectro social possui ilusões configuradas em estruturas culturais de ampla penetração em seus agenciamentos sobre seu processo de linhas de construção subjetivas. Não se trata do *eu*, de uma figura social definida e configurada na modernidade como *self* (TAYLOR, 2005; RIBEIRO DE SANTI, 1998), mas de *construções de subjetividades sujeitadas*. A vantagem de usar esse conceito é poder e tentar dosar na devida medida (como se isso realmente existisse em campo tão plurideterminado e sobredeterminado) a existência da dissolução da concepção sujeito-objeto proveniente da modernidade e do indivíduo autônomo. Este não existe: o eu sempre é um outro.⁷ Poder-se-ia falar em alienação, mas entraríamos em outro debate: alienar-se é alienar-se em relação a que? Trata-se de verbo transitivo e pressuporia o seguinte: alguém fala pela estrutura do capital e aqueles a não enxergarem ela estão alienados. Sempre haverá alguém (na verdade, muitos alguéns) que preferem ser Cypher, o personagem de Joe Pantoliano em *The Matrix* o revolucionário filme de 1999. Ele prefere a vida dentro da matrix. Desvendar como funciona a matrix em suas formas é o que importa. Isso será desenvolvimento no item seguinte deste ensaio. Por isso sustenta-se o desvelamento do capital em suas estruturas básicas como dado sendo, então, a questão posta uma outra: quais estruturas e configurações culturais a sujeitar e gerenciar as subjetividades, seus afetos, suas ações e seus atos que a impedem de perceber linhas de prisão, linhas de matrix?⁸

⁷ A passagem faz alusão à frase de Rimbaud: “Je est un autre”. Seria desnecessário, mas a passagem é muito bela e significativa e expressa com muita propriedade essa dialética do eu e do outro ou do eu-como-outro: “Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras. EU é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente!” Carta de Rimbaud a Georges Izambard (Charleville, 13 de maio de 1871).

⁸ Cabe nota de esclarecimento: qualquer discurso crítico a qualquer forma social é um alinhamento de pontos e substanciação de fatos e outros discursos e tantas outras narrativas. Não há um horizonte de verdade absoluta: o que existe é a



Tendo seguido este caminho arrisca-se uma definição de cultura e como ela foi tomada pelas linhas do capital. Há em toda a nossa volta – dado o estágio de desenvolvimento das forças produtivas e suas complexidade em relações de classe – camadas de ruídos dados pela cultura: significantes para outros significantes em um jogo infinito de descentramento e confusão, de excitação (TÜRCKE, 2014), e infinitas formas de sermos um não-ser. Isso ocorre quando não há construções de subjetividades para emancipação, subjetividades que fujam das linhas e aberrem. Cada objeto, cada fato, cada fala, cada gesto, cada tuitada ou um “like”, um “follow” ou não, possuem camadas e mais camadas de significações que nunca se significam por completo. Por isso, na estrutura do signo, são significantes buscando incessantemente outros e outros significantes. Evidente que esta definição vai na esteira de Lacan e a importância atribuída pelo psicanalista francês ao significante. A vantagem de assim proceder é a incorporação das camadas afetivas, dos gerenciamentos da percepção, do desejo e do gozo como novas formas de subordinar e sujeitar os indivíduos. São as novas potências de dominação. Não há qualquer possibilidade de emancipação se não destrinçarmos os ruídos e não mecanismos “ontológicos” do capital.⁹

Este ensaio iniciou-se por meio da leitura de uma entrevista do filósofo e crítico literário George Steiner (STEINER, 1966), cujo título sintomático e atual nos chamou para essa problemática: “Civilização ou Barbárie”. A entrevista motivou a pensar questões sobre a dicotomia posta por Steiner. Porém questões e problemáticas postas por ele tomaram e transtornaram novos vultos, configurações e inscrições em outros planos teóricos, outros contornos conceituais. A começar pela inscrição dicotômica:

capacidade articuladora demonstrando potências políticas e, portanto, humanas. Por isso recusamos o conceito de alienação como utilizado pela “vulgata” do marxismo. Também recusamos, como em *The Matrix*, a verdade de Neo/Thomas Anderson (Keanu Reeves) em sua forma absoluta. Há no capital uma potência de destruição, de morte e de barbárie como se anuncia cada vez mais. Por todos os lados o verificamos. Cabe saber se uma potência destruidora do mesmo e da sua matrix quer se insurgir. A verdade da destruição neste caso é a verdade da duplicidade de Keanu Reeves no filme: ele pode optar por ser Mr. Anderson ou Neo.

⁹ Parte da ideia e sua inspiração foi retirada de um vídeo do canal “Meteoro”: “DECIFRANDO THIS IS AMERICA” (Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gvsQ09wM-bU>> Acesso: 11 jul. 2020). O vídeo do canal é excelente para entender as camadas de significantes ou ruídos socioculturais.



o título deste nosso escrito já começa por problematizar a dicotomia e mostrar que pode haver algo pior do que a barbárie social: a psicose social e seu bem-estar aparente. Seu “humanismo conservador” isolando e impossibilitando Bach, Platão ou Kant de serem “produtos de massa”, bem como deslocando “ontologicamente” o grande jazz do *rap* e do *heavy metal* não é convincente (STEINER, 1966, p. 66). Inconvincente seja pelo binarismo, pelo conservadorismo e por não explicitar o significado de “produto de massa”. O que impossibilita ser um produto de massa, aquilo justamente que deveria ser? Por meio deste caminho e destas questões é que se escreveu boa parte deste ensaio como resposta tanto a essa espécie de conservadorismo como a determinada colocação de problemas da emancipação esquecidos de outro binarismo também: o das estruturas e superestruturas.

Procuro sempre explicar as epígrafes. Elas não são apenas “enfeites” intelectuais. Por demais evidente a que encabeça este escrito. Não, não é. Pode ser um gozo (no sentido usual e não lacaniano), pode ser uma canção de 2017 de Bea Miller (basta escrever no Google e achar significados e citações), podem ser as palavras ditas por Eric Garner e George Floyd mortos em ações policiais em 2014 e 2020 respectivamente (sendo a de Floyd a mais recente e impactante dados os desdobramentos em manifestações), pode ser ainda a frase do entregador por aplicativo dita no dia 14 de julho de 2020 e registrada também por celulares. Enfim, há as mais diversas acepções feitas ao se colocar esta epígrafe. A finalidade é justamente ser metáfora e, como tal, ser *transporte* de sentidos¹⁰, mas também e, justamente por isso, pronunciar fertilidades intelectuais, construir imaginários. Um deles é ser eco que bate em todos nós e continua falando e falando como todo eco, assemelhando-se a um fantasma: se esta revista tem título tão sugestivo e se coloca no “fim do mundo”, esta epígrafe é aquela que nos atinge neste grau

¹⁰ Usamos justamente o sentido preciso da figura de linguagem e “brincamos” com a própria origem etimológica do termo em uma espécie de meta-metáfora. A palavra vem do grego μεταφορά e possui o significado de μετά (meta), “entre” e φέρω (pherō), “carregar”. Em Houaiss temos a seguinte etimologia: “lat. metaphōra,ae no sentido de 'metáfora', do gr. metaphorá,âs no sentido de 'mudança, transposição', p.ext. em ret 'transposição do sentido próprio ao figurado, metáfora', do v. metaphērō no sentido de 'transportar'; ver met(a)- e —fora; f.hist. sXIV metaphora, 1450-1516 metáforas”. O importante não é todo esse repertório de significados e erudição, mas apontar para potencialidades criativas conceituais, críticas e políticas como ação pela escolha da não-matrix.



zero da civilização, atinge àqueles que não mais aguentam a fina camada psicótica de que tudo vai bem e por isso não conseguimos respirar. A frase/epígrafe é plural, ainda que dita como real profundo de um eu empírico o qual naquele momento dizia sua insuperável carnalidade: “vou morrer”. Pode ser o grito de desespero de todos nós e o prelúdio do suicídio. É só o que resta quando chegamos no grau zero da civilização. Este o sintoma da atual cultura: ser o seu antagonismo, a própria destruição da cultura como grau zero.

Cultura e suas formas de sujeição: captura dos desejos

O materialismo histórico é determinada narrativa social: forte, potente, revolucionária não só teórica como na sua prática de *ensinar* as classes a se formarem para a revolução. Porém, como teoria, é *uma* narrativa e com isso sua impossibilidade de tudo explicar. Ao querer fazer isso, tudo explicar¹¹, seus desdobramentos configuraram os muitos marxismos. Aqueles mais ligados à vulgata do materialismo histórico – mesmo outros não tão ligados, pagaram, pagamos, paguei preços altos e descabidos – acabaram por fazer da *totalidade* não uma experiência intelectual de *hibridade* e articulações de interfaces disciplinares, porém uma totalidade dada, *ontológica* a qual esse materialismo histórico poderia desvendar. O preço disso é referidamente alto: a construção de um sistema não de pensar, mas de “pensar correto”, pois assim é a dialética das coisas e da natureza. Costurou-se com isso uma colcha de retalhos e esta foi se esfacelando.

Na medida em que significantes do mundo da cultura da maneira definida no item anterior foram sendo internalizados pela dinâmica do capital e por tecnologias (sempre linguagens e como tal com suas próprias gramáticas) que os inscreviam em determinada articulação social, o universo da exploração ou dominação passou a ser maior e mais vasto que aquele da força de trabalho. Esse universo passou a ser internalizações cada vez maior de toda a sociedade submetida a modos de vida únicas e sem possibilidade de encontrar outras perspectivas. Deixa-se assim uma “canibalidade” de fora, potências contra a ordem fora da “vida normal”. As *Lebensformen*

¹¹ Ver Lukács *Meu caminho para Marx* (LUKÁCS, 1983).



configuradas e agenciadas pelos vários domínios da sociedade do capital construíram o reino do único.¹²

Os movimentos das contraculturas dos anos 1960 em suas multiplicidades e diferenças de todas as tramas locais possíveis teriam seus dias contados. Percebiam já naqueles anos anteriores à década de 70 os disciplinamentos e regras dadas pelo supereu da sociedade pós-moderna, seja pelos seus pais e pelos compromissos sociopolíticos montados pelo estado de bem-estar social, seja pelos sonhos consumistas que essa sociedade colocava. Sentiam em suas manifestações ao estilo “On the Road”, ou “Easy Rider”, percebiam ao ouvir “The Doors” o que não queriam: não queriam o supereu dessa pós-modernidade do gozar, goze, mas goze pelo gozo no inominável do Outro. Este outro é a reprodução inominável e impossível da escala sem fim da acumulação infinita de bens e valores para o capital e de bens e acumulação de mais e mais coisas, coisa e mais coisas em seus lares.¹³ Os movimentos se imbricam, a produção e o pulsão parcial fetichista. Acabam por ser – e esses jovens rebeldes dos anos 1960 percebiam isso – *consumismo* como “teu nome é fascismo” nas palavras de um dos cineastas mais importantes da história do cinema, Pier Paolo Pasolini. Mas as coisas mudariam muito nos anos e décadas seguintes em um enorme processo de disciplinamento cultural e ideológico.

Porém antes disso é bom que se compreenda que o capital não possui dinâmica autônoma. Um dos erros mais comuns da estruturação de uma “vulgata” marxista é a separação de infraestrutura, a base de todo sistema e sua superestrutura com seus elementos políticos, ideológicos, culturais. Sabemos que o desenvolvendo do materialismo histórico como desenvolvimento do pensamento de Karl Marx não se dá dessa forma e esse esquematismo não lhe é próprio. Mas acabou por tomar corpo nas diversas correntes marxistas em graus diferentes – com muitas exceções, claro – esse

¹² Sobre formas de vida e perspectiva ver *Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica laciana a partir do perspectivismo animista* (DUNKER, 2011); sobre a dimensionalidade única da vida tecnocrática e assim universalizada ver *A Ideologia da Sociedade Industrial* (MARCUSE, 1973); para a questão da “canibalidade” e perspectivismo ver respetivamente *Metafísicas Canibais* (VIVEIROS DE CASTRO, 2015) e *A Inconstância da Alma Selvagem* (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

¹³ Sintoma disso é a visão de programas quase escatológicos em canais de entretenimento como *A&E*, “Acumuladores Compulsivos”. Eles não só juntam toneladas de lixo, mas lixo que foram mercadorias. O fetichismo como pulsão parcial psicanalítica está no gozo do *ter*.



fundo esquemático em uma espécie de “estrutura interpretativa imaginária”. Em outros termos: por mais que se considerasse isso esquemático, muitas análises acabavam – e o fazem ainda hoje – por apontar em sua espessura discursiva e em sua inscrição narrativa essa dicotomia. A ponto de não perceber um fato fertilizador da teoria: fazer da análise cultural um atravessamento dessa dicotomia base/superestrutura, ou seja, transformar os elementos e horizontes teóricos das diversas análises culturais em matéria discursiva implosiva desse binarismo inscrevendo-as em um delineamento teórico mais radical e que não poderia e não pode abdicar de uma tríade sustentada por mim há algum tempo: rebeldia, rebelião e revolução. Isso é dito no sentido de que o capital tem uma dinâmica indiscutivelmente estruturada e sistemática, mas sus decisões sobre a acumulação de capital passam por decisões, todas elas embebidas em política, geopolítica, tecnologias e suas técnicas e, claro, as formas culturais infiltradas de extensões da dinâmica acima. Nada novo sob o sol, apenas um materialismo histórico embebido de discursos da cultura como nova narrativa das potências para a destruição. Um materialismo histórico a se abrir para arder como paixões possíveis dos desejos e das vidas rebeldes contra as linhas, pelas fugas e por novas perspectivas. Um materialismo histórico que seja capaz de entender fora da dicotomia e do binarismo apontados anteriormente e represente o desejo intolerante contra a tolerância da pulsão (ou impulso) de morte, aquela “energia que ataca o psiquismo e pode paralisar o trabalho do eu, mobilizando-o em direção ao desejo de não mais desejar, que resultaria na morte psíquica” (ENDO; SOUSA, 2013, p. XIV). Essa paralisia do desejo do eu é a vitória do avanço dos desenhos e linhas estruturadas do capital-cultura.¹⁴

¹⁴ Ver entre outras coisas a disputa, em plena pandemia, sobre abrir o comércio, em especial shoppings centers. Todos devem lembrar de cenas de abertura de shoppings como se um desespero para entrar na “arca” e fugir do dilúvio estivesse acontecendo. Quais desejos realmente desejamos? Sobre isso pensar ainda no objeto por excelência da procrastinação dentro do “sistema dos objetos” (BAUDRILLARD, 2006) em nossos lares, o sofá: “Tendo sido capturado na imanência das pulsões o sujeito da super-realidade tem na pulsão de morte seu eterno repetir, repetição eterna de seus atos e afazeres. Não desloca ou desliza mais seu inconsciente para fazer dele um “companheiro” – ainda que sempre *estranho*, um *outro*, mas podendo lhe ajudar por meio do “oráculo” de Freud: *Wo Es war, soll Ich werden* – e escapar de um princípio de realidade a ter no *sofá* o símbolo máximo da procrastinação. “Quero chegar em casa e me jogar no sofá”, passa a ser um mantra comum no século XX. No entanto, parece que o *sofá* vem sendo engolido por nova e excitante procrastinação imagética



A partir dos anos 1970 as inscrições econômicas na narrativa da história começariam a mudar e a rebeldia iria sendo destroçada, a vida para fora do consumo e da sofisticação transforma o rebelde em um “perdido no mundo”, um “pé na estrada” não mais permitido, mesmo com resistências que se mantiveram ainda por toda época até hoje: os rebeldes sempre existem, mas às vezes ficam escondidos pelas oficialidades dos discursos das mídias e das formações culturais dominantes.

Teríamos a partir dos anos 1970 o começo de nova *governamentalidade*. É este conceito que Dardot e Laval tiram de Foucault para mostrar que vivemos em uma “nova razão do mundo” (DARDOT; LAVAL, 2016) e que as esquerdas tradicionais realmente não compreenderam o que se passava: o neoliberalismo não era só uma política econômica ou potencialização da destruição dos trabalhadores pela robótica, a microeletrônica, a informática e as telecomunicações, todas juntas em processo acelerado de automação e desterritorialização da produção pondo abaixo as regulamentações de todos os tipos, especialmente as trabalhistas e fiscais; também não seriam somente mecanismos de privatização e apropriação do capital acumulado pelo Estado por todos os mecanismos possíveis como a dívida pública. O neoliberalismo é mais do que isso: transformou-se em nova maneira de pensar toda a realidade, de pensar o eu e de controlar a si mesmo como uma empresa. A reificação não é mais um processo do homem em coisa: agora ele é um empresário de si mesmo. Com essa nova razão ele despotencializa-se de ser coisa, pois é ser pensante como empreendedor de si: seus controles são agora mentais, seus desejos e sua forma de se pôr no mundo foram agarrados até à alma. Não basta mais controlar seu tempo, seus gestos, suas operações: a maioria dos trabalhadores não mais são de fábricas. Assim como novos paradigmas são necessários para entender os trabalhadores dos setores não mais industriais e a produção de valor, também novos paradigmas são necessários para dominá-los: é por esse artifício apontado pelos pensadores franceses que se infiltra uma dominação aparentemente

e simbólica: as telas, interfaces digitais dos celulares e computadores. A televisão como o símbolo da indústria cultural, da perda da imaginação, da incapacidade criativa e de ler poesia (KONDER, 2005), agora está em nosso bolso e ao alcance de nossos dedos: basta deixar o princípio de realidade repetir até o fim a nossa morte. A configuração social desse jogo psíquico é a *ideologia da apatia*. Parece que o coração e o gozo cabem agora no seu *não*” (DOTI, 2018d, pp. 356-357).



Coda: rebeldia, linhas e banditismo

Uma das problemáticas postas por este texto foi sua colocação de *chaves de leitura*, *chaves de interpretação* interfaciais, chaves que deslizam umas sobre as outras. Não se trata – e não é questão para discuti-lo agora, pois toda interpretação será sempre um fechamento do real, seja ela qual for – de selecionar qual chave interpretativa é mais correta ou não. Fazendo isso estaria incorrendo em algumas imposturas. Por um lado, poderia estar incorrendo em dogmatismo já confesso em passagem anterior neste ensaio. Poderia também estar fazendo crítica a uma em função da outra e tentando revelar mais sobre uma vertente de interpretação do que uma análise do que realmente se quer, tratar da cultura e do grau zero de civilização no qual nos encontramos, o grau do “fim do mundo”, plagiando e copiando sim o nome da revista como um elogio e um desafio á altura do fim do mundo. Nesta chave referida estaríamos, então, mais em “disputa de narrativas” como tornou-se modismo falar.¹⁶ Ao fazer críticas ao materialismo histórico procuramos produzir novidades e intencionalmente mostrar que a cultura e

¹⁵ Ver também a questão posta e extremamente atual em tempos de TICs (tecnologias da informação e comunicação) sobre *fake News*, linhas de disciplinamento da consciência na sociedade de controle (SOUZA, 2018).

¹⁶ Lembrando que muito do que se chama hoje de disputa de narrativa é, na verdade, total impostura. Dizer que não houve ditadura no Brasil (ou hoje só brasil mesmo?), por exemplo, seria, para alguns, uma narrativa possível. Aqui seria hora de descer o jargão do cotidiano mais comezinho e dizer um bom calão. Mas, para suavizar, apenas dizer: “ora, faça-me o favor, isso não é uma narrativa e sim falseamento dos fatos e da história do país e sua revolução, a revolução brasileira que vinha em marcha levando o país, ali nos anos 1960, a assumir o *status* de nação soberana”. Portanto esse modismo de “disputa de narrativas” posta especialmente em redes sociais é incapacidade teórica e histórica, social, cultural, política, econômica etc. de articular complexidades e formar uma narrativa crítica embasada em debates e diálogos intelectuais.



seus elementos são produção e por isso o materialismo histórico deve ser atravessado e destruído em seu binarismo. O contrário disso é o materialismo histórico perder o que havia de revolucionário no século XIX e se transformar em apenas uma sociologia: boa para gabinetes da academia, mas não para agarrar nas mãos a rebeldia. As chaves de interpretação múltiplas colocadas serviram para começar a estabelecer uma teoria da “cultura do capital” e como é por esses significantes que podemos pensar as rupturas das linhas que nos prendem. Linhas em todos os sentidos, até físicas, materiais: para muitos o ideal estético-arquitetônico são as linhas de um shopping center e não do comércio de rua; as linhas estético-urbanísticas são as dos condomínios fechados, perfeitos, e não as ruas de Paris, já velhas, ou de Roma, já muito velhas.

As chaves interpretativas como questão epistemológica converte-se por meio desse caminho em operações de dinâmica real, sobre a realidade: a rebeldia necessária para romper com as formas e contornos do mundo fechado do “capital-cultura”.

A crítica cultural produzida neste ensaio é uma tentativa disso, tentativa de despertar relações sociais de sua apatia e de uma *pulsão de morte social* para novas formas de vida, novas perspectivas. Neste nível de objetos, tecnologias, falas, gestos, pulverização da educação, da criatividade, da leitura, dos encontros, do amor e do ódio, dos espaços, das formas como fazemos sexo e o aprendemos, enfim, neste universo gigante de significantes em novos significantes temos a produção das mentalidades, do sentido de existir, dos significados da existência. Um desses significados *pode* ser a rebeldia, a rebelião, a emancipação de uma forma de vida para outra. O que sairá disso não se sabe, mas a tentativa é sempre melhor do que o grau zero. E ao dizer *pode* estamos condicionando ao que se disse alhures neste artigo: uma busca por significados que não diga qual é a verdade, mas que se construa a verdade possível da sociedade como aposta. A nossa aposta é a de Neo e não de Mr. Anderson como dito em nota anterior em que o filme *The Matrix* foi citado. Interessante é justamente isso: o filme não diz sobre a verdade, narra verdades distintas (não confundir verdade com realidade ou o empírico, isso é problemático), cabe a *escolha*.

As periferias urbanas são espaços que fogem às linhas urbano-estéticas e urbano-arquitetônicas do embelezamento cultural do capital e sua estetização (LIPOVETSKY; SERROY, 2015). Essa estetização não está apenas no conjunto arquitetônico e urbanístico, mas também nas belas linhas, no belo que se mostra no digital, sejam imagens, sejam as linhas e a



perfeição da beleza de um site, sejam nas revistas, sejam nas novelas ou teledramaturgia brasileira. No caso das linhas e perfeições do digital há entre os olhos que veem e o visto uma mediação: o olhar. Esse olhar foi construído por um gerenciamento da percepção. O que isso significa? Uma transposição de instâncias na heterologia da vida: aquilo que vejo foge do meu existir, da pobreza de minha existência. Basicamente dois caminhos se oferecem: operar o *fora* (LEVY, 2011) e buscar um furo no real, uma linha de fuga cuja rebeldia e banditismo podem ser realizações de uma existência, de uma existência dada à luta com outras existências; por outro lado, pode acontecer o caminho oposto que é o da rejeição pela *atualidade cultural*, ou seja, buscar um *dentro* do “capital-cultura” e não faltam oportunidades para isso – o discurso do empreendedorismo, por exemplo, tem sido forte codificação e inscrição dos deserdados nesta ordem, nesta busca por ser incluído.

Não se pode esquecer que todos esses gerenciamentos sociais são feitos de multiplicidades de inscrições das subjetividades em vários campos, formas, discursos de sujeição. Neste ensaio abordamos a cultura, mas nunca deixamos de lado o discurso e o horizonte de verdade da psicanálise. Apontamos acima o motivo ao referir para uma definição, ainda que provisória, de cultura. As formas de dominação das subjetividades são formas de patologias social (SAFATLE, 2018) e podemos falar assim hoje sem pensar em um “biologismo social” ou pensar a figura da sociedade como corpo orgânico que precisa de cura, ideal próprio ao positivismo. As subjetividades não mais tem seus horários, seus lugares na fábrica, seus gestos, seus tempos de operação, suas horas da comida controladas somente. Em uma sociedade em que o chão de fábrica desaparece e o trabalho se espalha por todos os ambientes, todos os espaços e seus *designs* a sujeição precisa alcançar o inconsciente e suas pulsões.

“Tendemos a esquecer que antes do século XIX nenhum Estado cujo território não pudesse ser atravessado a pé em um ou dois dias possuía um conhecimento suficiente, atualizado com regularidade, de quem nascia, vivia ou morria dentro de suas fronteiras” (HOBSBAWN, 2010, p. 29). Mas já vão longe os tempos em que a velocidade de pessoas e coisas e das informações tinha a velocidade da caminhada. A velocidade das informações se ampliou, seu processamento produziu algoritmos e camadas e mais camadas de resíduos e ódios se acumularam. Também se acumularam todos os significantes culturais que cada abertura de olhos nos revela. Naquele estado anterior ao século XIX os rincões afastados produzia mais facilmente os *de*



fora. Hoje a sujeição vai precisar inventar um novo tipo de banditismo para escapar da sujeição e inventar o seu *fora*.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. Ed. 4. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BIRMAN, Joel. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOTI, Marcelo Micke **Sociedade, natureza e energia: condições estruturais e superestruturais de produção no capitalismo tardio**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2008.

_____. Onde começa a EPT. In: FREIRE, E.; VERONA, J. A.; BATISTA, S. S. **Formação Tecnológica: extensão e cultura**. Jundiaí: Editora Paco, 2018a.

_____. Tecnologias como linguagem: configurações atuais da sujeição e dominação. In: II SIMPÓSIO NACIONAL EDUCAÇÃO, MARXISMO, SOCIALISMO, n. II, 2018b, Belo Horizonte, UFMG. Disponível em < <https://www.simpósioedumarx.com.br/trabalhos-completos-mesas-de-discus>> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

_____. Transformações Digitais: Potencialidade e Sujeição. In: XIII WORKSHOP DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DO CENTRO PAULA SOUZA. São Paulo, 16 a 19 de outubro de 2018, ISSN: 2175-1897, 2018c.

_____. A sujeição atual: a captura dos afetos pela super-realidade. In: ANAIS DO XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE TEORIA CRÍTICA. Araraquara, Unesp/FCL, dias 1 a 5 de outubro de 2018, pp. 346-359, 2018d.

_____. "Técnica como linguagem e escrita do mundo". In: **Revista Eletrônica de Tecnologia e Cultura (RETC)**, Jundiaí, 22ª edição, parte II, dezembro de 2018e.

DUNKER, Christian. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. In: **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 23, n. 1, junho, 2011.



- ENDO, Paulo; SOUSA, Edson. Itinerário para uma leitura de Freud. In: Freud, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.
- HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. Ed. 4. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- SOUZA, Joyce et al. **A sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes digitais**. São Paulo: Hedra, 2018.
- KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- LEADER, Darian. **O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2013.
- LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LUKÁCS, Georg. Meu caminho para Marx – 1933 (Postscriptum de 1957). In **Ensaio**, nº 11/12, pp. 91-107, 1983.
- RIBEIRO DE SANTI, Pedro Luiz. **A construção do eu na modernidade**. Ribeirão Preto: Holos Editora, 1998.
- SAFATLE, Vladimir et al. **Patologias do social: arqueologias do sofrimento social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- STEINER, George. Culture et barbarie. **La nouvelle Revue Française (NRF)**, Paris, nº525, p. 52-75, oct.1966.
- TAYLOR, Charles. **As fontes do "self": a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem: e outros ensaios de antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002.
- _____. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

Recebido em 22 set. 2020 | aceite em 13 out. 2020

